

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A. D.

Class.: RO 210

Data: 02.04.89

Pg.: _____

Índios doam pele ao Museu Rondon

O Museu Rondon acaba de receber mais uma importante peça para seu acervo: trata-se de uma pele de onça q/ os índios Bororo utilizam no ritual chamado *móri*, onde eles acreditam que é necessário se vingar da natureza para que o morto alcance a paz. O couro do animal foi doado pelo antigo IBDF ao museu e, como a pele já estava curtida e com formol, não servia mais para o verdadeiro ritual dos Bororo. Assim os índios realizaram a pintura ritualística no couro - denominada de *ikule éduge* que simboliza, neste caso, pequenos insetos e fizeram a doação para o museu.

Desde 1985, o indigenista Antônio João de Jesus e a antropóloga Joana Aparecida Fernandez realizam pesquisas sobre as tribos Bororo, atualmente confinadas em regime de reservas nos municípios de Barra do Garças, Santo Antônio de Leverger, Rondonópolis e Barão de Melgaço. Hoje são apenas 860 índios, número muito distante dos dez mil encontrados que existiam na época do primeiro contato com os colonizadores brancos, em 1718, na margem esquerda do rio Cuiabá, onde hoje é a atual Vila de São Gonçalo. Um primeiro contato que já traz a marca da violência e da destruição: o bandeirante Antônio Pires de Campos atacou os índios coxiponés, uma das tribos da Nação Bororo, matando muitos deles.

O RITUAL

O indigenista Antônio João conta que a realização da pesquisa junto aos Bororo tem servido para divulgar a cultura desses índios e vem ajudando bastante a reconstrução de valores de auto-estima entre o grupo. As tribos enfrentam diversas dificuldades e uma delas é a falta de caça, o que já chegou a impedir até mesmo a realização de importantes rituais. Para evitar esta situação, o Museu Rondon sempre solicita os couros de animais silvestres que ficam sob a guarda do antigo IBDF - e que são queimados para repassá-las aos Bororo.

- Os Bororo chegaram a ter 400 mil quilômetros quadrados de território, indo da Bolívia até o rio Araguaia. Quando havia a morte de um índio, o guerreiro saía para caçar uma onça, um gavião real ou um jacaré preto. Hoje, com a ausência desse território e a depredação do cerrado, eles têm suprido esta falta de caça com couro doado pelo IBDF e Museu Rondon. O *Móri* significa para os Bororo o que a extrema -unção significa para os católicos e não realizá-lo traz sérios problemas psicológicos para o grupo - comenta Antônio João.

Segundo o indigenista, os Bororo atribuem a morte de um índio a um espírito mau que se apossa de um animal selvagem. No período entre o

enterro do morto e o *Móri*, o espírito fica vagando entre a região leste (*ituboni*) e oeste (*bakororo*). A paz para o índio morto só chega após a realização dos rituais, simbolizando a vingança contra a natureza pela morte do Bororo. O estudo detalhado deste ritual está sendo feito por Antônio João no trabalho intitulado "*Móri, a paz para o morto*", que integra a pesquisa "*Bororo Vive*".

Antônio João destaca a importância do Museu Rondon continuar a pesquisa sobre os Bororo, pois esta Nação indígena possui um rico acervo cultural e esta região já foi domínio deles. A influência dos Bororo está no nome da própria capital do Estado: Cuiabá vem do original *ikupá*, que significa o lugar onde se pesca com flecha-arpão. Este local é a foz do córrego da Prainha com o rio Cuiabá. Coxipó também é nome Bororo: veio de *kujibo*, isto é córrego do passar-mutum. O córrego da Prainha era chamado de *ikulebó*, ou seja, córrego das estrelas, por causa das pedrinhas que havia em suas margens. Já o atual Morro da Luz tinha o nome de *ikuié*, que em Bororo quer dizer morro das estrelas.

- Os Bororo foram uma das maiores nações do Brasil e tinham a região de Cuiabá como tradicional território de ocupação, apesar deste fato ainda ser contestado por uns historiadores - afirma o indigenista.

A PESQUISA

Nestes quatro anos, a pesquisa já rendeu dois áudio-visuais com os seguintes títulos: "*Bororo Vive*", sobre os ritos funerários; e "*Bakaro*", que conta a história da Nação Bororo desde o primeiro contato com o branco até os dias atuais. O Museu Rondon também pretende editar um disco com cantos Bororo, que já está gravado, faltando apenas imprimir. Este ano, o cartaz comemorativo da Semana do Índio vai trazer um mapa da microbacia do rio Cuiabá com todos os nomes geográficos em língua Bororo. Na gráfica da UFMT estão dois textos, um sobre os funerais deste indígenas e outro intitulado "*Bororo Vive*", apresentado pela primeira vez no seminário de História de 1986.

A ligação de Antônio João com os Bororo é tão forte que ele, assim como o diretor do Museu Rondon, historiador Idevar José Sardinha, foram adotados pela comunidade e são considerados membros da tribo. Em um ritual eles foram batizados com nomes Bororo. Antônio tem dois nomes: Meriê e Merikajue. Sardinha é chamado de Merichera. "Nós temos uma responsabilidade muito grande para com os Bororo e assumimos nossos compromissos com eles, pois nossa relação com eles vai muito além da mera pesquisa", conta Antônio João.